



Partido Socialista
dos Trabalhadores
Unificado

Ano V nº 108
13/12/2000 a 20/1/2001
Contribuição R\$ 1,50

Opinião SOCIALISTA

NOVO SÉCULO, NOVAS LUTAS



ARGENTINA: BLOQUEIOS DE ESTRADAS, GREVES E OCUPAÇÕES

Ano termina sob o signo da crise do neoliberalismo e ameaça de novas turbulências na economia mundial. Resistência aos ajustes da globalização capitalista cresce. Na Argentina, trabalhadores fazem greves para barrar reformas do FMI.

Em 2001, no Brasil, trabalhadores precisam continuar mobilizações pelas suas reivindicações e retomar a luta pelo **Fora FHC e FMI.**

Correio
Internacional

Apoio
incondicional
à Intifada

Morte anunciada. Seis tiros de revólver calibre 38 foram disparados para tirar a vida do líder sindical José Dutra da Costa, o Dezim, 43 anos, casado, maranhense, pai de quatro filhos, no dia 21 de novembro, às 20:15 horas, em Rondon do Pará, sudeste do estado, 550 quilômetros distante de Belém.

Maria Medrado, da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Madeireira de Rondon, amiga da vítima, informa que o pistoleiro disparou todas as balas do revólver depois de lutar com a vítima. A tocaia ocorreu na área urbana do município. Segundo Medrado, o pistoleiro foi à casa do sindicalista interrogando os familiares de Dezim onde poderia comprar cigarros. Em seguida solicitou informações sobre aposentadoria rural, quando uma das filhas do sindicalista o localizou na vizinhança e avisou da presença de um desconhecido que queria informações sobre aposentadoria.

Maria informa que não houve discussão entre o pistoleiro e o sindicalista. Assim que o pistoleiro viu o sindicalista se aproximar, executou dois disparos. Houve luta corporal antes do pistoleiro descarregar todas as seis balas do revólver. O líder sindical morreu com o braço enlaçado ao pescoço de seu algoz. O que possibilitou que populares detivessem o pistoleiro e lhe aplicassem uma surra. Joelma, viúva do sindicalista, foi quem impediu a morte do pistoleiro, argumentando que não o matassem, que ele teria que falar o nome dos mandantes. Nenhum documento foi encontrado com o assassino do Dezim, está detido na delegacia do município.

Tulipa Grande é o nome da fazenda que teria motivado a encomenda da morte de Dezim. A fazenda estava ocupada por 40 famílias de trabalhadores rurais ligadas a Federação dos Trabalhadores Rurais do Pará (Fetagri).

Manoel Monteiro, da coordenação da Fetagri sudeste, informa que um mandato de reintegração de posse da fazenda já havia sido despachado pela juíza da comarca de Rondon. A suspeita da encomenda da morte do sindicalista recai sobre um grupo de cinco fazendeiros de Rondon, entre eles, a família Lopes, Antonio Dagele, médico e fazendeiro e Jose Decio de Barros, proprietário de serraria e fazendeiro.

Dezim esteve à frente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de (STR) de Rondon durante oito anos. CPT, Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SDDH), Fetagri e demais entidades de assessoria e apoio, encaminharam documentação às instituições estaduais e federais ligadas a área de justiça e reforma agrária, denunciando a presença de listas de lideranças e assessores marcadas para morrer no sudeste do Pará.

Manoel Monteiro, credita a morte do amigo de luta sindical à falta de uma política de reforma agrária séria. Monteiro espera que a morte de Dezim não entre para o rol da impunidade de sindicalistas assassinados na região.

Mais informações:

Manoel Monteiro – coordenação da Fetagri sudeste
(0xx91) 321-4037
(0xx91) 322-1591
(0xx91) 322-4005
fetagri@skorpionet.com.br

Rogério Almeida,
de Rondon do Pará

Escreva para o Opinião Socialista

Cartas: Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino
CEP 04040-030 São Paulo - SP
Fax: (11) 575-6093 Email: opiniao@pstu.org.br

Visite nossa página na internet: www.pstu.org.br

EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.
CGC 73282.907/000-64
Atividade principal 61.81.
Endereço: Rua Loefgreen, 909
Vila Clementino - São Paulo-SP
CEP 04040-030.
Impressão: Artpress

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Júnia Gouveia, José
Maria de Almeida, Valério Arcary

EDIÇÃO
Fernando Silva

REDAÇÃO
Mariúcha Fontana, Wilson H. da Silva,
Luciana Araújo

DIAGRAMAÇÃO
Eduardo Lipo

O QUE SE VIU



Manifestante durante protesto em Nice, França, no início da reunião de cúpula da União Européia, no último dia 7. Milhares de pessoas protestaram contra a globalização. Houve repressão da polícia para garantir que a reunião ocorresse. Vinte policiais foram feridos e 45 manifestantes foram presos.

O QUE SE DISSE

"Às vezes, eu vejo nos jornais a discussão estéril: é estabilidade ou desenvolvimento? O próprio governador (Zeca do PT) já respondeu. Ajuste fiscal não é de esquerda, nem de direita. Tem de ser feito. Tem de fazer-se ajuste fiscal para crescer. Crescimento é o que estamos fazendo."

FHC, em discurso de inauguração das obras da Usina Termolétrica de Corumbá. Parece, decididamente, que o presidente ganhou um aliado do PT para o ajuste do FMI. Esperamos, sinceramente, que os 186 prefeitos petistas que tomam posse em 1º de janeiro, não sigam esse lamentável caminho. No portal Terra, em 8/12/2000.

"Ataques contra civis demonstram covardia."

Ehud Barak, 1º ministro de Israel, após os conflitos que resultaram na morte de 10 pessoas (7 palestinos e 3 israelenses) na Cisjordânia, no último dia 8. Isso mesmo, é o primeiro-ministro de Israel que está acusando os palestinos de covardia por atacar civis...Cinismo, carde-pau e hipocrisia sem limites. Agência Estado, em 8/12/2000.

"É preciso que os pobres e excluídos freqüentem os templos do consumo e da burguesia para que a população saiba que a miséria existe."

Eric Vermelho, dirigente do Movimento dos Trabalhadores Urbanos do Rio de Janeiro, explica o protesto que desempregados realizaram nos shopping centers do Rio no último dia 8. No Globo On Line, em 8/12/2000.

"O Infoseg (Programa de Integração Nacional das Informações de Justiça e Segurança Pública) é um escândalo. As autoridades dizem que os arquivos não existem, mas é deles que saem informações que estão no Infoseg."

Suzana Lisboa, dirigente do Tortura Nunca Mais e atual coordenadora do projeto de acervo histórico do governo do Rio Grande do Sul, critica o Ministério da Justiça, que utiliza os arquivos do período militar para o seu programa de "segurança pública". Faz sentido, para quem anda dando emprego para torturador nos atuais órgãos de inteligência, nada mais natural que o governo FHC use os arquivos da ditadura. No jornal Folha de S.Paulo, em 8/12/2000.

ASSINE O OPINIÃO SOCIALISTA

Nome completo	
Endereço	
Cidade	Estado
CEP	Telefone
24 EXEMPLARES	48 EXEMPLARES
<input type="checkbox"/> 1 parcela de R\$ 36,00	<input type="checkbox"/> 1 parcela de R\$ 72,00
<input type="checkbox"/> 2 parcelas de R\$ 18,00	<input type="checkbox"/> 2 parcelas de R\$ 36,00
<input type="checkbox"/> 3 parcelas de R\$ 12,00	<input type="checkbox"/> 3 parcelas de R\$ 24,00
<input type="checkbox"/> Solidária R\$	<input type="checkbox"/> Solidária R\$

Envie cheque nominal ao PSTU no valor da sua assinatura total ou parcelada para a Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo - SP - CEP 04040-030

Au, au, au...tem pizza para o Lalau

Depois de 226 dias "foragido", o juiz Lalau resolve se "entregar". Na versão do ministro da Justiça, José Gregori, não houve nenhum acordo secreto entre Lalau e o governo.

O juiz, no entanto, comandou sua própria "prisão", escolheu o delegado amigo e de confiança que o prenderia, exigiu não ser algemado, está em prisão especial e pode sair da prisão logo, logo. Da mesma forma como saiu Cacciola e também o ex-Senador Luiz Estevão.

A "prisão" respondeu aos conformes de um romance policial de segunda categoria. Teve de tudo: o delegado — segundo o que se declarou à imprensa — foi levado pelo advogado do Lalau de Jatinho para o sul, sem saber para onde iam. O juiz teve seguranças uruguaios ou ex-arapongas dos serviços de inteligência brasileiro, com identidades falsas, que o levaram até Bagé e reservaram seu quarto num motel. A PF, em São Paulo, simulou uma chegada falsa para despistar os jornalistas. Enfim, uma chanchada.

Se o governo queria dar ares de moralidade, "achando" e "prendendo" o sumido, conseguiu o contrário. Até o mais desinformado e alienado dos seres acredita

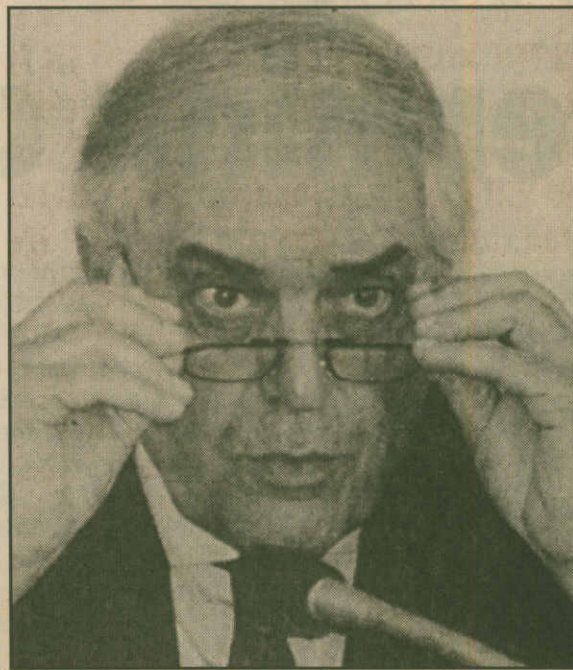
que o governo fez um acordo com o Lalau e, nesse acordo, teve a garantia de que o juiz não abriria a boca sobre as relações do ex-secretário da Presidência Eduardo Jorge e todo esquema de corrupção que envolve os altos escalões da República. Em troca, Lalau deve ter suas garantias: a de sair rapidinho da prisão, a de continuar tão rico como antes e etc.

O "aparecimento" do Lalau, curiosamente, respeitou também o calendário eleitoral. O homem "se entregou" depois das eleições municipais.

A operação abafa, que impediu a abertura de uma CPI sobre o caso EJ, quer agora, com a "prisão" do Lalau e com a boca fechada desse, safar mais uma vez o governo FHC. Quando Lalau for solto — o que não demorará muito —, a culpa será só da Justiça.

A hora era de reclamar ao menos uma CPI, que se mais longe não fosse, serviria para jogar o ônus da proteção dos corruptos para o governo. Serviria também como um instrumento que permitisse a mobilização do povo, que está indignado com tanta pizza.

A relação de EJ com Lalau, somou-se agora também a denúncia que o general Alberto Cardoso, ministro da Defesa de FHC, falou 174 vezes por telefone com o juiz fujão.



O povo quer prisão pra valer, confisco dos bens do juiz e que ele conte tudo que sabe.

O PT e os demais partidos de oposição no Congresso deveriam propor uma CPI sobre o caso, que investigassem até o fim as relações de Lalau com o Executivo.

2001: um ano de lutas

Os trabalhadores, a juventude, os sem-terra e o movimento popular, certamente, viverão um processo de ascenso das lutas no ano que vem. Dando continuidade, num patamar superior, à retomada das greves e mobilizações que vivemos este ano.

Isto será assim, porque o arrocho salarial continua em patamares elevadíssimos, o governo — seguindo o receituário do FMI — prosseguirá com as privatizações, ataques aos serviços públicos e sociais e tentativa de criminalização dos movimentos.

Os funcionários, professores e estudantes das Universidades Federais já apontam

uma grande mobilização e provável greve para abril/maio, no que devem ser seguidos pelos demais setores do funcionalismo. Os sem-terra farão mobilizações entre 17 e 21 de abril. Haverá campanhas salariais.

De outra parte, o cenário econômico e político externo traz problemas crescentes para o governo Brasileiro. A crise americana vai cobrar desse governo vassalo do FMI mais entrega, mais ataques. Não é descartado, inclusive, um cenário não somente de crise, mas de depressão nos EUA, que, se ocorrer, incendiará a América Latina. A crise Argentina, por sua vez, apesar do "empréstimo" do FMI seguirá batendo às portas: o país vizinho viverá um processo de mobilizações ainda mais intensas.

O desafio posto para os trabalhadores brasileiros e suas entidades é o de unificar as lutas do ano que vem e politizá-las. A esquerda da CUT, o MST, a esquerda da UNE, precisam lutar para que o Fórum de Lutas unifique de fato as ações e que a CUT e a UNE coloquem na rua o Fora FHC e o FMI, que seus Congressos votaram. Bem como, é decisivo recolocar com mais força a questão do não pagamento da dívida externa e da anulação das privatizações.

A batalha pela unificação das lutas, pelo Fora FHC e pelo não pagamento da dívida não serão tarefas menores, pois se chocarão com a estratégia eminentemente eleitoral e de Feliz 2002 que, infelizmente, tem a direção do PT.

Prefeituras do PT têm que ser oposição

No dia 1º de janeiro o PT — maior partido operário do país — estará assumindo a condução de 188 prefeituras.

Os trabalhadores e a maioria do povo depositam muitas esperanças nestas gestões. E, de fato, elas poderiam vir a ser uma poderosa alavanca de luta contra o governo federal e contra o projeto econômico do FMI que vem recolonizando o país e empobrecendo a maioria do povo em benefício de um punhado de bilionários.

Mas para tanto, as prefeituras petistas precisariam primeiro definir-se como de oposição pra valer a esse governo e a esse projeto neoliberal. Depois, precisariam governar para os trabalhadores, para a maioria do povo pobre e explorado, contra os ricos, o que significa que não podem aliar-se com banqueiros e grandes empresários, menos ainda colocar seus representantes no Secretariado. E, por fim, precisariam assumir as principais reivindicações do movimento e apoiar suas lutas.

Mas infelizmente, os prefeitos petistas estão optando por outro caminho. A prefeita

de São Paulo nomeou um banqueiro para Secretário de Finanças, depois convidou Cláudia Costin — responsável pela Reforma Administrativa de FHC — para a Secretaria de Administração, esta última declinou do convite, mas indicou a Secretária que acabou nomeada; agora Marta nomeou para Meio Ambiente uma mulher que faz parte do 1º escalão do governo Covas.

Desse jeito acabarão fazendo o triste papel que faz o governador Zeca do PT, que não contente em enfrentar e mandar reprimir sem-terra e funcionários públicos, promove uma Reforma Administrativa no Mato Grosso do Sul capaz de fazer o ex-ministro Bresser Pereira ficar com inveja e ainda consegue em suas loas de amores por FHC dizer que "ajuste das contas públicas" não tem ideologia.

Se não tem ideologia, porque o governador Zeca não tenta "ajustar" as contas deixando de pagar a dívida aos banqueiros, rompendo com o FMI e subvertendo a Lei de Responsabilidade Fiscal, ao invés de demitir funcionários?

Se os prefeitos petistas seguirem o exemplo de "administração" do governador Zeca, não somente frustrarão esperanças, como serão um enorme obstáculo para a luta dos trabalhadores e para a luta contra o projeto do FMI.

Aos leitores

Essa pelo menos é a idéia da turma da redação. Esta é última edição do **Opinião Socialista** no ano 2000, portanto, a última do século. Agora, só no século 21. Ou seja, na 2ª quinzena de janeiro, quando estaremos de volta. O ano de 1999 terminou com as manifestações de Seattle contra a globalização. O ano 2000 está terminando com novas manifestações desse tipo, agora na França, e com greves e mobilizações como na Argentina. Felizmente está crescendo a negação, a resistência e a mobilização contra o neoliberalismo, o blá-blá-blá da modernidade globalizada e outras peças de propaganda que tentam disfarçar que a rapinagem e a exploração capitalista avançam com ferocidade até sobre os trabalhadores dos países imperialistas. Portanto, fazemos votos que essas lutas continuem, com mais força.

Mas por ora, como ninguém é de ferro, vamos tirar umas férias.

Fazemos votos também a que todos nossos leitores e amigos tenham um bom final de ano.

Saudações socialistas,

A redação

Congresso secundarista termina com agressão

Luciana Araujo,
da redação

No final de semana de 9 e 10 de dezembro realizou-se o 11º Congresso da União Paulista de Estudantes Secundaristas (Upes), na cidade de Americana. O congresso todo foi marcado por um golpe. A corrente majoritária na direção da entidade, União da Juventude Socialista (UJS), ligada ao PCdoB, antecipou sua organização para garantir a manutenção da hegemonia à frente da entidade e realizou o congresso apenas três semanas após sua convocação.

O processo de convocação do congresso gerou críticas de todas as correntes que atuam no movimento estudantil secundarista. A maioria delas, inclusive o PSTU, chegaram a defender que não fosse eleita a diretoria neste congresso, mas sim em um novo congresso convocado desde já para o início do próximo semestre. Setores da esquerda e da Articulação estudantil petista se recusaram a participar do congresso, o que foi um erro pois facilitou a implementação da manobra da UJS para manter a maioria na direção da entidade.

O resultado da votação mostrou como o congresso foi muito aquém do que poderia e deveria. A chapa *Prá Sacudir a UPES* (composta pelo PCdoB, PPS, PDT, alguns militantes da *Articulação* de

Franca e o agrupamento regional petista *Avançar na Luta Socialista*) obteve 524 votos. A chapa *A UPES prá lutar - com coragem de mudar*, formada por militantes do PSTU, da corrente petista *Democracia Socialista* e independentes recebeu 80 votos. A chapa *Independência*, que uniu PSDB e PTB, levou 53 votos e a chapa composta pela maioria dos militantes do PSB, *Atitude*, recebeu 41 votos. Cerca de apenas 800 pessoas participaram da plenária final.

No encerramento do congresso, militantes da UJS de Piracicaba roubaram uma bandeira do PSTU e queimaram-na em frente ao ginásio onde se realizou o congresso, num ritual abominável. Não satisfeitos, iniciaram uma "chuva" de pedradas que atingiu na cabeça a militante Claudia da Silva.

Exigimos da direção do PC do B que repudie a agressão e o método utilizado contra a militância e o símbolo maior do PSTU. Além disso, exigimos que o dirigente da UJS na capital, Euzébio, eleito para a diretoria da Upes e que organizou o ataque ao PSTU, seja repudiado por todas as organizações estudantis, sindicais e políticas.

Por isso, chamamos todas as entidades a aprovarem moções de repúdio à entrada deste militante na diretoria da entidade. As moções devem ser encaminhadas para a sede nacional do PSTU pelo fax (0xx11) 5575-6093 ou pelo e-mail pstu@pstu.org.br.



DIADEMA

Petistas agridem dirigente do PSTU

Luciana Araujo,
da redação

O PSTU participou da Frente Democrático-Popular composta pelo PSTU, PT e PCdoB nas últimas eleições municipais em Diadema, ABC paulista, onde o PT elegeu o candidato José de Fillipi Júnior. Em todo o período da campanha, no 1º e 2º turnos, a relação de respeito entre as organizações foi mantida. Mas, ao final da apuração do 2º turno, quando deu-se a vitória de Fillipi e a coligação organizou uma confraternização para comemorar a vitória, a situação se conturbou. Militantes do PT de São Bernardo do Campo que participaram da boca-de-urna no 2º turno (no dia 29 de outubro) arrancaram a bandeira do PSTU que simbolizava o partido no caminhão de som. A direção do Partido dos Trabalhadores em Diadema interveio e orientou que a bandeira fosse recolocada no caminhão. Quando dois militantes do PSTU subiram no veículo para recolocar o estandarte, novamente os metalúrgicos de São Bernardo acorreram violentamente para retirar a bandeira, chegando a rasgá-la. No meio da confusão o metalúrgico da Ford, identificado apenas como Olavo, e o membro da comissão de fábrica da Volks, apelidado Caixa d'Água, agrediram o professor Marco Aurélio Duarte - dirigente do PSTU e da Apeoesp. O resultado foi uma fratura no nariz de nosso companheiro.

A direção do PT de Diadema fez uma declaração pública de desculpas e se uniu à exigência do PSTU de que as responsabilidades fossem apuradas e os culpados punidos segundo os critérios do movimento operário e da CUT.

Foi realizada uma reunião entre as direções dos dois partidos onde a executiva do PT de Diadema apresentou uma carta exigindo da direção do PT de São Bernardo a punição dos responsáveis e denunciando a agressão como um método que deve ser rejeitado pelas organizações dos trabalhadores. A carta foi encaminhada para a executiva municipal do PT de São Bernardo.

"A postura vil que esses militantes tiveram expressa a política que o PT de São Bernardo teve para com o PSTU, tentando nos isolar e destruindo a unidade da esquerda naquela cidade, o que acabou levando à vitória da direita ainda no 1º turno. No 2º turno tentaram fazer com que essa relação fosse transferida para Diadema utilizando métodos característicos da Força Sindical. Mas isso não ocorreu, haja vista a posição da direção do PT em Diadema", afirma Marco Aurélio.

Até o fechamento desta edição, a direção do Partido dos Trabalhadores de São Bernardo do Campo, assim como a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, sequer se pronunciaram a respeito. O PSTU entrou com representação contra os agressores e continua esperando que o Partido dos Trabalhadores em São Bernardo e o sindicato se manifestem.

DENÚNCIA

Golpe na eleição da ECA

Paulo Roberto Silva,
de São Paulo

No último dia 6 de dezembro ocorreu a reunião do Colégio Eleitoral para as eleições para diretor da Escola de Comunicação e Artes, de acordo com os estatutos da Universidade de São Paulo. Na semana anterior havia ocorrido, como é tradição na ECA desde 1988, a consulta à comunidade, a qual havia indicado como diretor da Escola o Professor Jair Borin, jornalista com um histórico profissional e militante respeitável.

O Colégio Eleitoral, no entanto, refém de interesses desconhecidos da comunidade ecana, escolheu como diretor da ECA o Professor Waldenyr Caldas, aliado da atual reitoria e de seu projeto de universidade, o mesmo do MEC e do Banco Mundial, e contra o qual a USP realizou mais de 50 dias de greve neste ano.

A votação teve irregularidades jurídicas de acordo com o estatuto (votaram professores que não eram membros do Colégio Eleitoral) e mesmo o correr da reunião foi marcado por arbitrariedades.

Diante desta situação, os estudantes da ECA não tiveram outra saída senão ocupar o prédio, encerrar a guarda universitária e exigir que o Colégio respeitasse a consulta. A ocupação garantiu que Jair Borin entrasse na lista tríplice, mas como segundo nome.

É necessário que os DCE's, CA's, Conselhos Universitários e outras entidades aprovelem moções de repúdio ao Colégio Eleitoral, exigindo diretas para reitor e diretor de unidade na USP.

As moções podem ser enviadas para o e-mail: eca@edu.usp.br com cópia para calc@egroups.com

Esquerda cutista se fortalece em São Paulo

Américo Gomez,
de São Paulo

As greves e mobilizações que fizeram os metalúrgicos do Estado de São Paulo fortaleceram aqueles que mais apostaram neste processo. O **Movimento por uma Tendência Socialista (MTS)** e o **PSTU** tiveram crescimentos importantes no ABC, São José dos Campos e em Campinas. Demonstrando, com isso, que os trabalhadores ao entrarem em mobilização se identificam com seus dirigentes mais combativos.

Campinas é a terceira maior cidade e a quarta maior concentração operária do Estado de São Paulo. Somente os metalúrgicos são 40 mil trabalhadores. O sindicato é dirigido majoritariamente pelos companheiros da **Alternativa Sindical e Socialista** que sempre atuaram conjuntamente com os companheiros do **MTS** de São José dos Campos.

Os pontos altos deste trabalho comum foram: a mobilização para colocar para fora os "jaguinhos" contratados pela **Articulação Sindical**, que ocuparam o sindicato dos Metalúrgicos de São José e a campanha salarial de 1999.

Também compunham a diretoria do sindicato de Campinas oito diretores ligados ao PCdoB. Recentemente, quatro destes diretores romperam com o partido pois, nesta cidade, o PCdoB coligou-se com o PDT e PTB em oposição à coligação PT-PSTU que ganhou as eleições municipais. Dois destes diretores filiaram-se ao **PSTU**. Os outros aderiram ao **MTS**.

Raildo Neves, diretor de base do sindicato, que tinha 16 anos de militância no PCdoB, explica: "O motivo final foi a coligação eleitoral. Eles coligaram com o PDT e o PTB, que faz parte da base de sustentação de FHC e do Covas. Como fica um dirigente de esquerda e do sindicato, nesta situação, junto com eles?", questiona Raildo. Em seguida ele completa: "Eu já tinha agüentado por muito tempo a política do 'mal menor', que apoiou Covas e Fleury". Raildo entrou para o **PSTU** juntamente Lula, também ex-militante do PCdoB e diretor do sindicato dos metalúrgicos de Campinas.

O **MTS** também ganhou pois eles trabalharam na maior fábrica da cidade, a Bosh, que tem 4 mil e 800 operários. "Nós não estamos sós. Somos dois diretores, cinco cipeiros e outros companheiros dentro da fábrica que já estão conosco no **MTS**; e também gente em outras fábricas como o Gaúcho que trabalha na Gevisa (fábrica com mil trabalhadores), que veio também para o **MTS** e reúne semanalmente por volta de 14 companheiros lá".

Para mostrar que realmente o pessoal está empolgado, no último dia 25 de novembro foi feito o lançamento do **MTS Metalúrgico**, que reuniu por volta de 60 trabalhadores do setor. O encontro contou com a presença de José Maria de Almeida, da direção nacional da CUT, do Mancha, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José, Sílvia, candidata a vereadora pelo **PSTU** em Campinas e representantes de outras categorias.

Cresce organização em São José

Os metalúrgicos de São José dos Campos fazem o balanço mais positivo de todos os setores da intervenção na campanha salarial. Economicamente, garantiram 10% de reajuste na maioria das fábricas, seja nas montadoras, como a GM, autopeças, como a Bundy e a Eaton, eletroeletrônico, como a Phillips e a Ericson, e mesmo a fábrica de aviões, Embraer, que tem a patronal mais "casca grossa" da região, além de várias pequenas fábricas nas Chácaras Reunidas.

Mas esta campanha salarial não significou uma vitória somente em termos econômicos. Organizativamente também. Foram reintegrados vários diretores do sindicato.

O sindicato vive cheio de gente. Mas a maratona que a vanguarda está enfrentando neste final ano é de festas. "Quase todo dia fazemos uma. Teve festa pela vitória da greve na GM, na Phillips, na Bundy, na Chácara. Não sei nem o que é mais difícil, enfrentar os fura-greve, a polícia e a patronal ou ir a todas as festas", brinca Vivaldo Moreira, tesoureiro do Sindicato, que foi preso no piquete da National em uma paralisação.

O **PSTU** também cresceu. Existem novos núcleos em algumas das principais fábricas de São José e Jacaré.

Batismo de fogo na Volks

A militância do **PSTU** teve seu batismo de fogo na greve da Volkswagen de São Bernardo do Campo. Desta vez, estivemos presentes no Comando de Greve da fábrica e na linha de fogo do enfrentamento com os fura-greve e a patronal.

Em vários setores, como na ala 13 e na 17, a militância do **PSTU** e do Ferramenta de Luta, junto com os ativistas do **Militante** e os membros da diretoria do Sindicato, organizaram os arrastões, além de se enfrentarem com os agentes da patronal e "chefetes" que queriam derrotar o movimento.

Sem dúvida, está nascendo uma nova direção.

Manuel Pereira



G I L D O

Campanha entra em fase decisiva

O movimento sindical e popular deve realizar um novo esforço neste final de ano considerando que a apuração do assassinato do camarada Gildo da Silva Rocha entra em momentos importantes.

Um momento crucial pois, apesar de não termos acesso aos laudos dos exames residuográficos e toxicológicos, temos informações que estes exames deram negativos, portanto inocentando o companheiro das acusações feitas pela polícia.

Estamos no final do inquérito policial e com a preparação da denúncia do crime frente ao Ministério Público. Sendo assim, a pressão do movimento é fundamental.

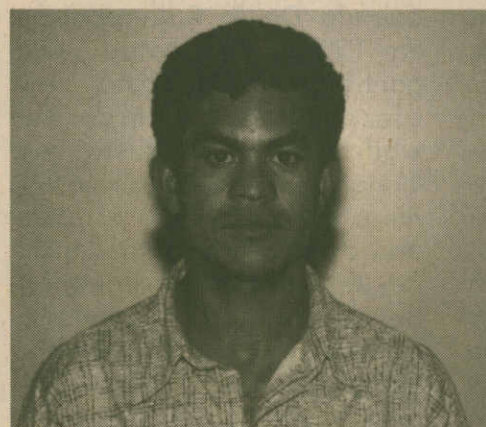
Gildo foi assassinado na madrugada do dia 6 de outubro após participar de um

piquete da greve dos servidores da limpeza pública do Distrito Federal. O militante do **PSTU** era dirigente sindical da sua categoria há 7 anos. A polícia tentou vender a versão de que houve uma troca de tiros com o sindicalista, que também estaria portando drogas. A infame versão não se sustentou nem por 24 horas, até porque dois outros trabalhadores, que foram presos e depois liberados, estavam com Gildo.

A assembléia da categoria de Gildo, que está novamente em greve em Brasília, votará uma moção especial além recolher mais assinaturas para o abaixo-assinado a ser entregue no Ministério da Justiça por volta do dia 20 de dezembro, com a presença de personalidades.

Assim como devemos assumir o compromisso de até o final do ano arrecadar os R\$ 6 mil necessários a família de Gildo. Já foram arrecadados R\$ 3.600. As doações que forem feitas devem ser enviadas para a conta do Banco do Brasil número 8886-2, agência 2863-0 Conjunto Nacional, em nome de Gleicimar de Souza Rocha. O informe do depósito devem ser enviados para a CUT/DF pelo e-mail:

cutdf@brnet.com.br



Gildo Rocha

FMI comanda a recolonização

Mariúcha Fontana,
da redação

Um país saqueado e devastado. Esse é o resultado de dois mandatos de Menem e um ano de governo De la Rúa, aplicando o projeto neoliberal do FMI e os planos de recolonização do Consenso de Washington.

As reformas neoliberais, rejeitadas para todos os países da América Latina, foram aplicadas exemplarmente pela Argentina, que foi a vanguarda em fazer a "lição de casa" do FMI. Uma década depois, o país é quase uma colônia norteamericana.

Há dois anos e meio em recessão, o desemprego atinge 15,7% da População Economicamente Ativa (PEA), segundo dados oficiais do governo. Segundo a CGT (uma das centrais sindicais do país), a PEA na Argentina é de 15 milhões, desses, 7 milhões estão empregados, 3 milhões são desocupados e 5 milhões são subocupados ou trabalham na economia informal.

O salário médio daqueles que têm registro em carteira é de US\$

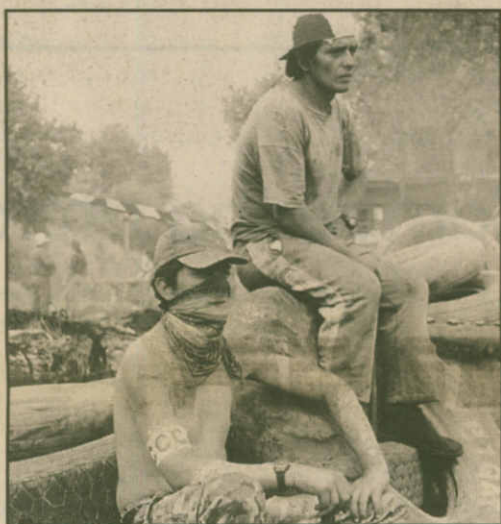
400, O salário mínimo é de US\$ 200 e a cesta básica custa US\$ 1.100.

Só neste ano, a Argentina pagou US\$ 20 bilhões de juros da dívida externa. Via remessa de lucros e outras manobras a cada ano saem US\$ 30 bi do país. Isso sem falar dos famosos caixas 2, que engordam o dinheiro ilegal remetido para contas particulares nos famosos paraísos fiscais. Segundo estimativas oficiais, há US\$ 90 bi em depósitos em tais contas.

Neste final de ano, a Argentina — apesar dos sucessivos pacotes de "cortes de gastos" e "ajustes fiscais" — não está conseguindo fechar a conta. O país está na iminência de uma moratória forçada. O FMI veio em "socorro" do governo argentino — mais precisamente, em socorro

dos banqueiros internacionais — e está negociando um "empréstimo" que pode chegar a US\$ 30 bi, de modo a garantir que os banqueiros e multinacionais que detêm os títulos da dívida argentina, recebam todo seu dinheiro em dia neste ano e no próximo. Esse empréstimo está sendo chamado de "blindagem" financeira.

Em troca, para que o empréstimo se consuma, o FMI exige um novo "ajuste fiscal".



Veja o que é o pacote do FMI

O outro lado da "blindagem" financeira do FMI se traduz em medidas em como:

— Acabar totalmente com a previdência estatal e aumentar para 65 anos o limite de idade para a aposentadoria das mulheres. A partir do pacote nenhum novo empregado poderá ter previdência estatal;

— Privatização da cobrança de impostos. Uma empresa privada passará a cobrar todos os impostos e será remunerada com uma porcentagem do que arrecadar. Os impostos são cada vez mais regressivos, quem ganha menos paga proporcionalmente mais. Isso vai se em confisco de casas, pequenas lojas e comércio daqueles que eventualmente atrasem seus impostos. O que já está acontecendo no país.

Cortes dos gastos sociais no Orçamento; fim de subsídios e centralização dos impostos das províncias (estados) no governo central e diminuição das verbas sociais destinadas constitucionalmente às mesmas.

Esse novo pacote dá continuidade a um outro, lançado em parte por decreto pelo governo em maio deste ano, quando De la Rúa rebaixou em 12% os salários de quem ganhava a partir de US\$ 1 mil e fez uma nova rodada de "flexibilização" trabalhista, via Congresso, estendendo de três meses para seis e até para um ano o período de experiência de um trabalhador contratado; além do fim dos contratos coletivos e a privatização dos planos de saúde, que na Argentina são controlados pelos sindicatos. (M.F.)



Capa da revista semanal argentina Veintitres mostra o presidente De la Rúa "sem plano"

De la Rúa está à beira do abismo

A menos de um ano de mandato, o governo De la Rúa não só enfrenta um índice de rejeição de quase 80%, como é um dos governos mais fracassados de toda a história argentina.

Referindo-se à dificuldade do governo em negociar com os governadores do Partido Justicialista (peronista), um colunista do jornal argentino Página 12, Sérgio Kiernan, escreveu "não é o peronismo que está forte, é o governo que está fraco; a débil administração De la Rúa causou um vácuo de poder."

Eleito pela Aliança — coligação da União Cívica Radical com a Frepaso, o primeiro é um tradicional partido burguês com enorme peso na classe média e a segunda (Frente País Solidário), dissidência de esquerda do Peronismo apoiada nos setores sindicais sobretudo nos dirigentes da Central dos Trabalhadores Argentinos — com um discurso de transparência, ética, prioridade para o social, em oposição ao candidato do ex-presidente Menem, o presidente De la Rúa faz uma gestão igualzinha à de seu antecessor.

A mais recente crise foi detonada quando veio a público que os senadores foram subornados para votar a Reforma Trabalhista do pacote de maio. O vice-presidente Carlos Alvarez, que é da Frepaso, renunciou. Depois caiu o ministro do Trabalho e em seguida o Chefe da Abin argentina, de onde dizem, saíram os fundos "reservados" para comprar os senadores.

Mas toda a crise estremeceu o já difícil equilíbrio de poder no país, rachou a Aliança, que é maioria na Câmara, mas é minoria no Senado e nos governos estaduais.

No episódio da compra dos senadores, o Juiz da Suprema Corte declarou que processaria e prenderia os corruptos. No dia seguinte, estourava um escândalo em torno

ao juiz, denunciado por enriquecimento ilícito.

Nenhum setor da burguesia se opõe globalmente ao projeto neoliberal e tão pouco quer ruptura com o FMI. No entanto, brigam horrores na hora de "repartir a torta", como dizem os argentinos. Há setores que querem que o FMI flexibilize suas exigências, há setores minoritários que gostariam de uma desvalorização da moeda. Isso tudo abre brechas para as lutas do movimento de massas. Os empresários do transporte são um dos setores, por exemplo, que fazem muitas vezes vistas grossas à mobilização de caminhoneiros, motoristas, metroviários, etc. Eles querem subsídios para o combustível. E assim, sucessivamente, ocorre o mesmo com governadores das províncias, setores da indústria argentina e, inclusive, com setores da agro-indústria.

O FMI, por sua vez, não só está fisicamente presente no país, como faz publicamente suas exigências, inclusive de modo bastante arrogante. No pacote de maio, diante das emendas ao projeto de lei trabalhista no parlamento, o FMI veio a público dizer que não deveria haver emenda alguma e ponto.

Do outro lado, em menos de um ano de governo, os trabalhadores já realizaram três greves gerais, duas insurreições nas províncias e milhares de bloqueios de estradas e manifestações.

O governo De la Rúa, desacreditado, é cada vez mais um fantoche e um governo totalmente fraco. A própria burguesia acha difícil que este termine o mandato, mas não tem ainda quem colocar no seu lugar.

Talvez, a face mais espetacular da crise política argentina seja a crise de seus dois principais partidos, que estão se esfacelando: o PJ e a UCR. (M.F.)

Lutas sacodem a Argentina

As lutas na Argentina não param, apesar do fato de que as direções das Centrais não dão continuidade às grandes ações unificadas. Não há, por exemplo, um plano de lutas unificado depois da greve geral de 36 horas.

Mas as ações por baixo se generalizam. Um processo de lutas, que vem desde a metade do segundo mandato do governo Menem que teve na sua vanguarda num primeiro momento os desempregados, depois ganhou cada vez mais um caráter popular urbano e que, agora, envolve também os trabalhadores empregados e os setores operários.

As lutas que explodem na maioria das vezes por reivindicações populares mínimas, como cestas básicas, alimentos, saúde, vão incorporando cada vez mais demandas anti-imperialistas: Fora o FMI, não pagamento da dívida, reestatização das estatais privatizadas.

As ações são cada vez mais radicalizadas: bloqueios de estradas, insurreições ou semi-insurreições, como as das províncias de Corrientes e Salta. É esse processo que vem de baixo, que tem imposto às diferentes Centrais o chamado às greves unificadas.

A última greve geral de 36 horas, como afirmou o próprio De Genaro – presidente da CTA – veio de baixo. E também, pela primeira vez, as centrais não conseguiram fazer com que fosse uma greve em que todos ficassem em casa: houve bloqueios de estradas e manifestações.

A luta de La Matanza – o maior município da grande Buenos Aires – sinalizou o caminho da luta. Aí, apareceu uma *Coordenação* (um tipo de comitê de luta que agrupa vários setores e entidades). Por orientação política do sindicato dos professores e da seção da CTA regional, foi realizada uma assembléia com desempregados, aposentados, sindicatos de trabalhadores das diferentes Centrais, comissões internas de empresas, juventude e, unificadamente, partiram para o bloqueio incorporando as reivindicações de todos os setores, especialmente as reivindicações populares. Uma organização para além dos sindicatos – com participação expressiva deles – incorporando todos os setores populares.

A insurreição ou semi-insurreição de Salta coroou esse processo e o assassinato de um trabalhador forçou o chamado à enorme Greve Geral de 36 horas. (M.F.)



Trabalhadores durante bloqueio de estrada em La Matanza

A busca por uma nova direção

"Extensão das coordenações e fundação de um PT"

A Frente Obrera Socialista, organização revolucionária argentina, irmã do PSTU, defende que as centrais apontem um plano de luta nacional, a extensão das Coordenações e a formação de uma Coordenação Nacional – da qual participem também as Centrais. Isso, para botar fora De la Rúa e o FMI, instituir um plano de emergência que parta do não pagamento da dívida externa, lutar por uma Segunda Independência do país, garantir as principais reivindicações dos trabalhadores e construir um governo das organizações operárias e populares.

Por dentro dessa luta, os companheiros dessa organização fazem uma campanha pela fundação de um Partido dos Trabalhadores na Argentina.

Roberto García, dirigente da Frente Obrera e Socialista e do sindicato dos professores de La Matanza (Grande Buenos Aires), que tornou-se conhecido nacionalmente por ter sido um dos dois principais dirigentes e porta-voz do bloqueio de La Matanza, que polarizou o país por uma semana, disse ao Opinião Socialista "participar de todo esse processo de reorgani-

zação é decisivo para que se construa uma alternativa de direção revolucionária na Argentina. Não é com auto-proclamação, dando ordens ao movimento de massas e por fora dos processos que existem que se forjará uma direção revolucionária. A crise de direção é enorme, ao mesmo tempo a reorganização do movimento é espetacular. Nossa participação na CTA-La Matanza e no sindicato dos professores, foi decisivo para impulsionar uma Coordenação.

Da mesma forma, há uma intensa discussão sobre que alternativa política construir frente à debacle do Peronismo e que programa defender. Em La Matanza queremos fazer um Congresso que dê continuidade à assembléia que decidiu e ordenou o bloqueio, construir a Coordenação de forma permanente e nele discutir também que alternativa política construir. Aí defenderemos um Partido dos Trabalhadores. Esse debate e exigência tem que ser levado a todas as lutas, a todos os Congressos, a todas as organizações operárias e populares."

A disjuntiva que está colando na Argentina é, cada vez mais, revolução ou colônia. (M.F.)

O movimento operário argentino vive um processo profundo e espetacular de reorganização. Os aparelhos tradicionais, sindicais e políticos, vivem uma crise enorme.

A outrora toda poderosa e burocrática CGT, viveu uma ruptura já no início da década de 90, no início do governo Menem, que deu origem à CTA, que organiza os professores e demais setores do funcionalismo público e estatais. Dessa forma, De Genaro – também representante e parte da burocracia sindical – é obrigado a chamar uma central mais democrática, com Congressos que reúnem milhares.

Por sua vez, por essa época também, ainda por dentro da CGT apareceu o MTA, que aglutina os trabalhadores dos transportes e que atuava como fração pública da CGT. Em fevereiro deste ano, o MTA também rompeu com a velha CGT e fundou a CGT-rebelde, que aglutina todo setor de transportes e agora também os metalúrgicos. Seu líder, Hugo Moyano, que também representa um setor burocrático, aparece com um discurso mais à esquerda que De Genaro. Ele fala em não pagamento da dívida externa, aparece como anti-FMI e fala da necessidade de construir também uma alternativa política nova, embora namore com um setor do peronismo.

De outra parte, vive-se uma efervescência popular, aparecem organizações de desempregados, de aposentados e, inclusive, de mulheres, que têm realizado congressos com milhares. Outro setor que tem gerado uma ampla vanguarda é a juventude. Os estudantes realizaram uma massiva greve em 1999 e derrotaram o projeto de corte orçamentário de Menem e do FMI.

Também no terreno político há um verdadeiro terremoto. Num país em que os partidos contam e que a classe média sempre se organizou na UCR e o operariado apoiava um partido burguês, o peronismo, a ruptura de massas com os dois partidos, gera uma efervescência e busca por uma nova alternativa política.

Primeiro veio a Frente Grande, que tentou capitalizar pela esquerda a crise do peronismo. Depois, a Frepaso apareceu em 1991 como uma ruptura pela esquerda com o peronismo. A aliança da Frepaso com a UCR e com De la Rúa, a ala direita desta, e sua participação no governo, à derrota como alternativa política para as massas.

De modo que, se nas lutas vão aparecendo as coordenações impondo a participação das centrais e direções burocráticas nestas, no terreno político está aberta de forma massiva a discussão da necessidade de uma nova alternativa. (M.F.)

Mulheres do MST fazem manifestação vitoriosa

Sandra Regina e Sirlene Sales,
da secretaria de mulheres do PSTU

Dia 28 de novembro, 9 horas da manhã, cerca de 400 mulheres e 65 crianças do MST desembarcaram em frente ao Incra de São Paulo. Elas vieram do Vale do Paraíba, Andradina, Pontal do Paranapanema, Itapeva, Promissão, Sorocaba e Iaras reivindicar uma audiência com o ministro do Desenvolvimento Agrário Raul Jungmann, para exigir a libertação dos seis presos políticos do MST, assentamentos para as famílias e crédito rural.

Segundo Márcia Ramos, uma das coordenadoras do acampamento, *"as trabalhadoras foram recebidas pela polícia que reprimiu-as com bomba de gás lacrimogêneo e trançou os portões proibindo o uso de água e sanitários"*. Mas elas não se intimidaram: entregaram a pauta de reivindicações ao superintendente do Incra, acamparam e passaram a noite no local.

O ministro Jungmann recusava-se a receber as trabalhadoras, que organizaram uma marcha no dia seguinte até a Praça da Sé. Caminharam pela cidade ouvindo a Internacional Comunista e denunciando a política neoliberal de Covas e FHC. Com as bandeiras tremulando, convidavam os trabalhadores(as) da cidade à participarem da marcha.

Ao chegarem na Praça da Sé foi comunicado que uma comissão estava negociando com a

Secretaria de Justiça. O resultado da reunião foi considerado satisfatório, pois a Procuradoria do Estado de São Paulo deu parecer favorável à soltura dos presos. Também foi informado que o parecer seria encaminhado, para julgamento, no Tribunal de Justiça. Quando da divulgação dessa notícia, houve grande festa entre as manifestantes. De acordo com a avaliação das companheiras, a possibilidade dos sem-terra serem libertados ainda este ano é muito grande. Além disso, o ministro Raul Jungmann comprometeu-se em marcar uma reunião com o MST para discutir, mais uma vez, as demais reivindicações do movimento.

Vale registrar que a funcionária do Incra, Débora D'arc C Cleto, responsável pela vistoria fiscal de terras e associada ao Sindicato dos Servidores Públicos do Estado de São Paulo, quando ouviu as mulheres do MST, resolveu descer em solidariedade com mais doze com-

panheiras de trabalho para dar apoio à manifestação. Ao voltarem para o trabalho, as funcionárias do Incra foram advertidas pelos seus chefes.

Mas para as sem-terra, mesmo com a repressão policial no Incra e as sempre difíceis condições de um acampamento, a manifestação foi uma vitória e uma demonstração da força da mulher trabalhadora sem-terra.



Renato Benvenuti

Solidariedade a Maria "Tani"!

Ana Minutti,
da Secretaria de Mulheres do PSTU

Maria Teresa Moreno Maya, "Tani", como é conhecida, tem 49 anos e é mãe de oito filhos e estava presa na cadeia de Madri (Espanha), acusada de matar seu marido, foi colocada em liberdade no dia 5 de dezembro em regime aberto.

Tani, sofreu por 17 anos, calada, os espancamentos e humilhações de seu marido, indo parar no hospital inúmeras vezes. Em 1995, em uma das muitas seções de tortura, este homem, que estava armado, acabou vítima de sua própria violência: a arma disparou matando-o.

Como conta Tani: "No dia em que morreu Vicente, como fazia todos os dias, ele colocou sua arma na minha cabeça, dizendo que ia me matar, me abracei a ele implorando que não o fizesse, dizendo o que seria de nossos filhos, na briga, caímos sobre a cama e a arma disparou".

Tani foi julgada e condenada a 14 anos e oito meses de prisão.

Vítima da opressão

Tani é mais uma das vítimas de violência doméstica que atinge 25% de mulheres em todo o mundo. Forçadas a subjulgarem-se a seus maridos — e pela violência da dupla jornada de trabalho, da desigualdade salarial, da falta de creches e escolas para os filhos, do desemprego e da miséria — as mulheres encontram-se permanentemente aprisionadas pela opressão e falta de perspectivas.

Apesar de sua condenação, Tani estava em liberdade. Há cinco anos cuidava de seus filhos sozinha. Em 24 de outubro deste ano a justiça ordenou que Tani fosse presa. Mais de 2 mil pessoas acompanharam-na. Desde então, começou um movimento por sua liberdade que reuniu mais de 12 mil assinaturas.

Campanha chega ao Brasil

No Brasil, companheiras e companheiros como Luiz Paulo Ribeiro, membro da Seção Brasileira da Anistia Internacional e Junia Gouveia, da Executiva Nacional da CUT e militante do PSTU, também aderiram essa campanha.

Hoje, Tani está em liberdade, com regime aberto, tendo que dormir três dias da semana na cadeia e com permissão para passar os finais de semana em sua casa.

Pesquisa tendenciosa

Mas além das reivindicações do movimento, a mobilização das trabalhadoras do MST sobre o Incra de São Paulo tinha também o objetivo de dar uma resposta à pesquisa divulgada pela Unesco (órgão da Organização das Nações Unidas) sobre o papel da mulher no MST. A pesquisa tem como chamada: *"companheiras de luta ou coordenadoras de panela?"* A pesquisa foi realizada com 3.700 assentados em 6 estados. Entre as principais conclusões do levantamento estão afirmações do tipo *"coordenadoras de panelas"*, *"o papel atribuído à mulher é o reprodutivo"*, *"as atividades femininas nos assentamentos*

se limitam aos afazeres domésticos, a cuidar da horta e a certas tarefas na roça"; *"a mulher não tem acesso ao dinheiro e ao poder"*, *"a autorização do marido é indispensável para a mulher ocupar cargo de liderança"*.

Ao Opinião Socialista, Márcia Ramos declarou que: *"no MST, existe um setor chamado gênero, para discutir especificamente a questão da mulher, pois a sociedade é machista, mas nós temos a concepção de uma sociedade igualitária e queremos romper com o machismo, por isso é que em nossa bandeira aparecem homens e mulheres. Temos também outra proposta de educação para nossas crianças. Essa é a primeira ativi-*

dade só de mulheres, vamos fazer mais, queremos mostrar para a sociedade que as mulheres trabalhadoras do MST lutam ao lado dos homens trabalhadores".

Para as companheiras do MST, a pesquisa da Unesco é tendenciosa e está a serviço dos nada originais ataques desferidos contra o movimento. De toda a forma, a pesquisa da Unesco não deu importância ao fato de que as mulheres trabalhadoras sem-terra são parte integrante e ativa da lutas, marchas e ocupações. Basta lembrar as inúmeras vezes que as militantes do movimento foram perseguidas e presas. (S.S.)

Queda na taxa de lucros ameaça economia

AP

José Martins,
economista e membro do Núcleo 13 de
Maio de Educação Popular

Até alguns meses atrás, o mercado prendia a respiração quando o Fed (Banco Central dos EUA) fazia suas reuniões periódicas para decidir a nova taxa de juros da economia. E todo o mundo perguntava apenas quanto o Fed subiria aquela taxa. A taxa de juros reinava soberana na economia. Vivia-se um período de rápida expansão do mercado e dos lucros. Naquelas condições, o único problema dos capitalistas era arrefecer um pouco a euforia dos investidores e a "exuberância irracional" das bolsas de valores. A forma de resolver o problema? Muito simples: reduzir o excessivo aquecimento da economia, fazer o que eles chamavam com arrogante autoconfiança de "pouso suave".

Agora a coisa mudou. É a hora da perigosa volta. Desde Homero, pelo menos, a ida é o idílico, a confiança e a conquista; o retorno, ao contrário, é povoado de fantasmas, monstros sobrenaturais, enfraquecimento, borrascas e ... crise. Agora não se pergunta mais quanto subirão os juros do Sr Greenspan, o nosso Ulisses de Wall Street, mas quando eles começarão a cair:

As bolsas não se guiam nem se preocupam mais pelas ascendentes taxas de juros da economia, apenas estremecem e caem pelo plano inclinado das taxas de lucro das grandes empresas. Os previsíveis juros perderam a realeza; quem reina, agora, são os instáveis e misteriosos lucros das empresas.

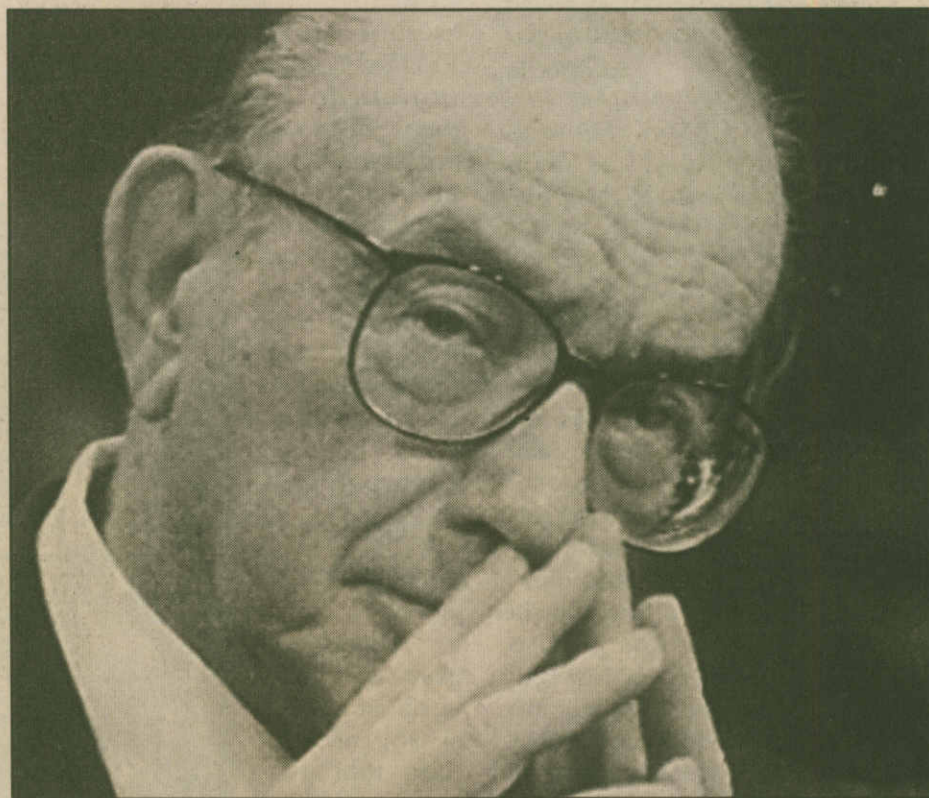
A conjuntura não muda apenas de referência, de uma categoria econômica para outra, simplesmente. Ela muda de qualidade. E aí tudo fica mais difícil de acompanhar.

Com a taxa de lucro da economia, entretanto, é bem diferente. Aqui tudo é misterioso e imprevisível, para não dizer incompreensível. Ninguém sabe muito bem do que se trata, de onde ela vem, onde ela está, para onde ela vai: "Será que a turbinada máqui-

na de lucro da América Corporativa está ficando sem gasolina? À espreita, estão agourentas advertências de gigantes como a IBM e WordCom a respeito da sustentação de sua capacidade para manter a cadência dos lucros de dois dígitos com os quais os investidores se acostumaram ao longo dos anos (...) Depois de dois anos de grande crescimento dos lucros, é inevitável que a lei da gravidade acabe se instaurando. A América Corporativa quase certamente irá achar a subida mais difícil no próximo ano. As empresas de semicondutores, por exemplo, têm reagido à sua prosperidade gastando pesado em novas fábricas, fato que gerou temores de que um excesso de nova capacidade irá forçar as empresas a cortar preços e reduzir lucros. As empresas farmacêuticas, por sua vez, enfrentam uma série de vencimentos de patentes em 2001. Isso não significa que a festa dos lucros tenha chegado ao fim. Mas pode estar na hora de dar uma olhada no armário de remédios para ter certeza de que o estoque de aspirina é suficiente" (*Business Week/Valor*, 16/11/00).

America Corporation (ou América Corporativa). Esse é o nome da utopia do capital. Não se trata de uma utopia qualquer, desta ou daquela idéia que os homens sonharam realizar. Ela é a própria realização de um processo, de um movimento material autonomizado que se anima e se reproduz à revelia de qualquer vontade, organização ou idéia que se queira fazer acerca dela.

A América Corporation só tem um limite: a sua planetária festa de lucros não pode parar. É com essa possibilidade que se preocupa a *Business Week*. Depois de dois anos de grande crescimento dos lucros, como a revista bem diagnostica, a turbinada máquina começa a sentir os efeitos da lei da gravidade. De novo, acrescentaríamos, como há pouco mais de dois anos. Mas agora a máquina está muito mais turbinada e em uma altura muito mais arriscada do que em outros ciclos. Por isso não basta mais apenas a boa habilidade do piloto para fazer o "pouso suave" que se imaginava até poucos meses atrás.



Alan Greenspan, presidente do Banco Central dos EUA

Almas gêmeas

Para os observadores mais atentos, como a revista *Business Week*, o capital se apresenta, na superfície de suas condições de existência, no mercado, como uma "turbinada máquina de lucro". Para eles, essa máquina se apresenta também como se tivesse vôo próprio, como um movimento material autonomizado que se reproduz e se amplia em um espaço apropriado, o mercado mundial. Assim, a despeito do fato que "é inevitável que a lei da gravidade acabe se instaurando", para esses observadores basta que se remova qualquer obstáculo externo que apareça no mercado mundial para que eles possam afirmar com toda segurança que "isso não significa que a festa dos lucros tenha chegado ao fim". Vejamos mais de perto os fundamentos dessa autonomização e seus limites, mesmo que de uma maneira bastante resumida.

A produção capitalista de mercadorias não existiria se ela não fosse uma massa de valor organizada como um mesmo corpo habitado por duas almas gêmeas. De um lado, o capital constante, uma massa de valor materializada em diversos valores de uso como terrenos, estruturas, máquinas, matérias primas, etc, que participam da produção de riquezas, de valores de uso e de mercadorias em geral, mas não produzem nem conservam ne-

nhuma grama de valor. De outro lado, o capital variável, outra massa de valor mas, neste caso, materializada na mercadoria força de trabalho — quer dizer, naquela capacidade de trabalho muito especial, encontrada apenas nos corpos dos operários, de produzir ao mesmo tempo valor de uso e valor, de produzir ao mesmo tempo mercadorias e capital.

O primeiro, o capital constante, é uma massa morta de capital, mas que se apresenta como uma imensa e poderosa máquina que tem que crescer, aumentar sua potência e subir solidamente para alturas cada vez mais elevadas; o segundo, o capital variável e seu exército de operários, é a fonte de novo valor e do lucro, daquele combustível que energiza as turbinas e sustenta a subida daquela sólida máquina para alturas nunca dantes navegadas. O primeiro representa a acumulação do capital; o segundo é aquela fonte de valor que resuscita, conserva, renova e multiplica o valor do primeiro, transformando o processo todo em um processo de valorização ampliada do capital.

Para aqueles que consideram esta descrição do processo circulatório do capital como uma pura abstração, recomendamos visitar uma linha de produção industrial, para que possam comprovar esta abstração *in actu*. (J.M.)

Não deixe para depois

Faça agora a sua assinatura da Crítica Semanal da Economia e receba automaticamente em seu e-mail o boletim semanal completo e as periódicas atualizações das demais seções da nossa página.

Não hesite: veja o valor da contribuição e as formas de pagamento em nossa página: www.analiseeconomica.com

Ou, ligue para (011) 91326635

A Equipe 13 de Maio — Crítica da Economia agradece por seu apoio a este trabalho que já dura mais de 13 anos, ininterrupto e ... invariante.

América nua e crua... e em crise

Fernando Silva,
da redação

Caos", "Sim, Sobrevivemos". Estas eram as manchetes das principais revistas semanais norte-americanas (*Time*, *Newsweek*, *U.S. News*), após a Suprema Corte Federal decidir suspender a contagem manual dos votos em alguns condados do estado da Flórida no último dia 9. Quando do fechamento desta edição, ainda não estava definido se a recontagem seria retomada ou não. Ou seja, não estava definido quem de fato ficaria com os 25 delegados que o estado tem direito no Colégio Eleitoral. Al Gore venceu no voto popular por 300 mil votos apenas. George Bush vencia na Flórida (até a última recontagem) por escassos 537 votos num universo de 6 milhões de eleitores. Quem levasse os 25 delegados obteria a maioria exigida de 270 votos no Colégio Eleitoral para ser declarado presidente dos Estados Unidos.

O primeiro que chama a atenção é exatamente o fato das eleições norte-americanas (a maior "democracia" do mundo) serem, no limite, indiretas. Quando se vota no presidente, está se votando também na representação de delegados que cada estado envia para compor o Colégio Eleitoral. Este referenda ou não o resultado popular. Em geral, desde 1876 não ocorria situação semelhante, ele confirma o voto popular pois o normal é a maioria dos delegados serem do partido mais votado na população. Mas em uma eleição apertada como esta a crise pode ocorrer, pois os delegados são proporcionais à população de cada estado. Mas nenhum dos 50 estados envia menos do que 3 delegados. Com exceção de dois estados menores (Maine e Nebraska), não há proporcionalidade, quem ganha leva todos os delegados. Ou seja, nestas condições, pode ocorrer de os estados maiores decidirem a eleição no Colégio Eleitoral (a Flórida é o quarto colégio eleitoral do país perdendo apenas para Califórnia, Nova York e Texas).

Esse colégio eleitoral é do período da formação dos Estados Unidos, logo após a guerra de independência com a Inglaterra no século 18. É produto de um acordo entre os estados grandes e pequenos quando da formulação da Constituição para garantir a unidade nacional pós-independência. Nas palavras do

escritor norte-americano Gore Vidal, o Colégio Eleitoral é "uma instituição que nos foi legada pelos fundadores para que jamais pudéssemos ter uma democracia — seutemormais profundo — ou um ditador, um medo menor." (revista *Carta Capital*, 22/11/2000).

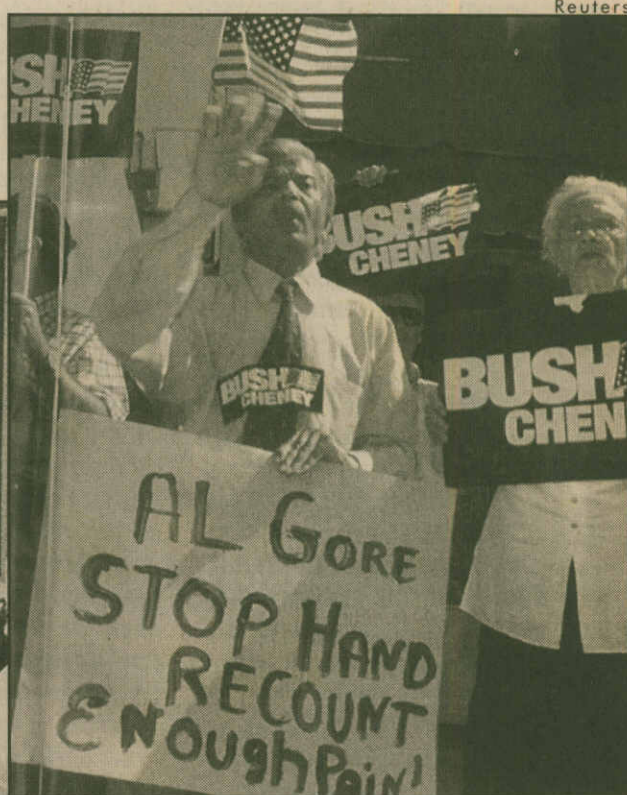
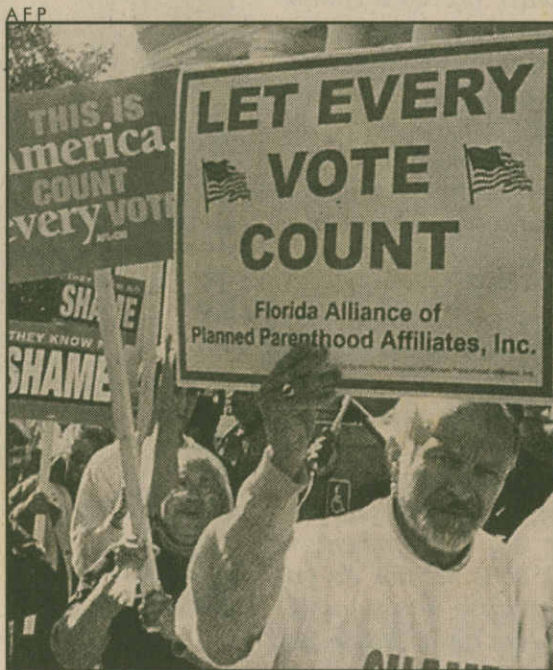
Uma crise política aberta

Mas até aí, esse não deveria ser, por si só, motivo para tamanha crise e impasse político-jurídico. Até porque a Constituição e as instituições da democracia burguesa do império norte-americano são sólidas e não há um clamor ou revolta nacional para reformá-la e abolir mecanismos como o Colégio Eleitoral.

Por que então os dois partidos da burguesia mais poderosa do planeta (os dois controlam o poder político do país alternado-se no governo há mais de 200 anos, governam ambos a favor das grandes corporações multinacionais e bancos do país, não apresentam nenhuma diferença significativa em relação à política externa, ou seja, ao domínio político-econômico-militar do globo pelos EUA) levaram uma disputa ao limite de abrir uma crise política que coloca em risco a legitimidade do próximo governo (seja ele qual for), impõe um desgaste importante às próprias instituições do regime?

Um primeiro fator é a disputa, em si, acirrada, pela presidência entre dos dois grandes aparelhos e frações partidárias (que gastaram a bagatela de US\$ 3 bilhões nessa campanha eleitoral) em uma eleição disputada, literalmente, voto a voto e com suspeitas razoáveis (para dizer o mínimo) de fraude na Flórida contra o candidato democrata. Não é pouca coisa, afinal, governar os Estados Unidos e controlar o maior orçamento do mundo. Só para a área militar, o orçamento previsto para 2001 é de US\$ 300 bilhões! Mais que outras contradições e setores estariam em questão além da disputa política em si entre as duas frações partidárias? Aqui as coisas são mais complexas.

Ao lado, manifestante pró-Gore diante do Supremo da Flórida. Abaixo, também na Flórida, partidários do Republicano Bush



Aparentemente, o sistema financeiro, os grupos mais ligados a Wall Street e parte das grandes corporações estariam bem definidos com os republicanos, tanto que estão há algum tempo em campanha para Gore desistir e reconhecer a derrota na Flórida.

Uma pista pode estar na política tributária dos dois candidatos. Bush defende cortes nos impostos na ordem de US\$ 1,3 trilhão (e desse total, 43% vai favorecer diretamente o 1% dos que ganham mais de 319 mil por ano). Já Al Gore não admite isenção (pelo menos é o que consta da sua plataforma eleitoral) para os que ganham mais de US\$ 100 mil por ano. Aos ricos, grandes capitalistas e especuladores interessaria também uma maior redução de impostos. Isso poderia adiar o fim da farra consumista (e especulativa), aliviar um pouco a tendência de redução dos lucros e adiar temporariamente a ameaça de recessão que paira sobre a economia. Em tese, claro.

Mas isso, como dissemos, é uma pista, pois o que está prevalecendo é uma furiosa disputa política entre as frações partidárias, sem sequer, até agora, ter uma relação direta com os abalos verificados nas bolsas ou com os movimentos de desaceleração econômica.

Prosperidade para poucos

Mas a disputa política é também expressão muito distorcida (distorcidíssima), contraditória e muito complexa das

reais e sérias divisões que existem nos Estados Unidos. Divisões de classe, de raças e etnias, de políticas relativas aos direitos sociais, civis, setores oprimidos etc.

Em primeiro lugar, há um desgaste evidente dos democratas. Gore não conseguiu vencer no voto popular com uma diferença que lhe permitisse capitalizar, com tranquilidade, os oito anos de crescimento econômico sob a batuta dos dois mandatos de Clinton. O desgaste com os democratas vai muito além dos escândalos sexuais do senhor Clinton, embora isso tenha peso no eleitorado conservador (que não é pequeno no país).

A questão é que o longo ciclo de prosperidade, que começa a terminar agora, foi de fato para os ricos e a classe média. Há 32 milhões de pobres nos Estados Unidos, 12% da população, que vivem com até US\$ 17 mil por ano. O 1% mais rico da população detém 38% da renda nacional enquanto os 70% mais pobres tem apenas 17% da renda. Estas desigualdades não se modificaram em nada sob o ciclo de crescimento. Pelo contrário. Há pleno emprego, mas com salários miseráveis e direitos sociais quase nulos para grande parte dos trabalhadores.

Por exemplo, o economista e ativista político norte-americano Robert Naiman em uma entrevista à revista *Carta Capital* (14/5/2000) declarou que "quem é demitido da indústria não consegue uma vaga similar. Geralmente, essa pessoa vai trabalhar em um McDonald's ou um Wal-Mart, onde, pela

ausência de sindicatos, ela acaba perdendo vários direitos trabalhistas. O questionamento de conquistas históricas, como a jornada de 8 horas de trabalho e a seguridade social pública, está gerando muita insatisfação."

Onde aparece então o grosso do desgaste dos oito anos dessa "prosperidade" sob domínio democrata? Ao que parece, na abstenção de quase 50% dos votos. Cerca de 98 milhões de pessoas em condições de votar não o fizeram, porque em geral não acreditam (segundo várias pesquisas de opinião) que os partidos que mandam e seus candidatos queram mudar a situação econômica dos setores menos favorecidos.

Um país dividido... e o voto distorcido

Mas no universo dos que votaram (102 milhões de pessoas ou 52% do eleitorado) a coisa muda de figura. Os democratas aparecem como o partido que defende um programa de tipo "medidas sociais compensatórias" (principalmente na previdência, saúde e educação), as liberdades e direitos civis e como partido das maiores regiões urbanas. Os republicanos aparecem como o partido das grandes corporações e dos brancos conservadores de toda índole. É isso que as eleições mostraram.

Entre os mais pobres (renda anual de até US\$ 15 mil), Gore venceu por 58% a 37%, entre os mais ricos (renda anual acima de US\$ 100 mil) Bush venceu por 53% a 43%. Nas classes médias houve um empate técnico. Nas cidades com mais de 500 mil habitantes, Gore venceu por 71% a 25%. Nas cidades entre 50 mil e 500 mil também deu Gore, por 60% a 40%. Nas cidades menores de 50 mil (não são poucos os condados nessa situação) houve uma inversão: 60% a 40% para o republicano. Nas áreas rurais (menos nas que existem negros e hispânicos) foi uma massacre a favor dos republicanos: 85% a 15% para Bush. Isso ocorre nos verdadeiros "guetos" brancos reacionários que são boa parte dos estados agrícolas do meio-oeste e meio-norte do país.

Nas raças e etnias o predomínio democrata é avassalador. Gore ganhou de 90% a 10% entre os negros e por 62% a 33% nos hispânicos. Mas poucos negros e hispânicos foram votar (15% dos negros e 23% dos hispânicos). Além disso,

são eleitorados relativamente pequenos: os negros representam 10% do eleitorado e apenas 7% dos hispânicos estavam em condições de votar nas últimas eleições.

Por fim, Gore teve a maioria do voto feminino (52% a 43%); Bush, maioria entre os homens (54% a 42%).

Um outro detalhe interessante: entre os principais doadores da campanha dos republicanos estão as poderosas AT&T, Microsoft, Philip Morris e a Associação Nacional dos Fabricantes de Armas entre outros. Já entre os dez maiores doadores financeiros da campanha democrata estão seis sindicatos nacionais de trabalhadores.

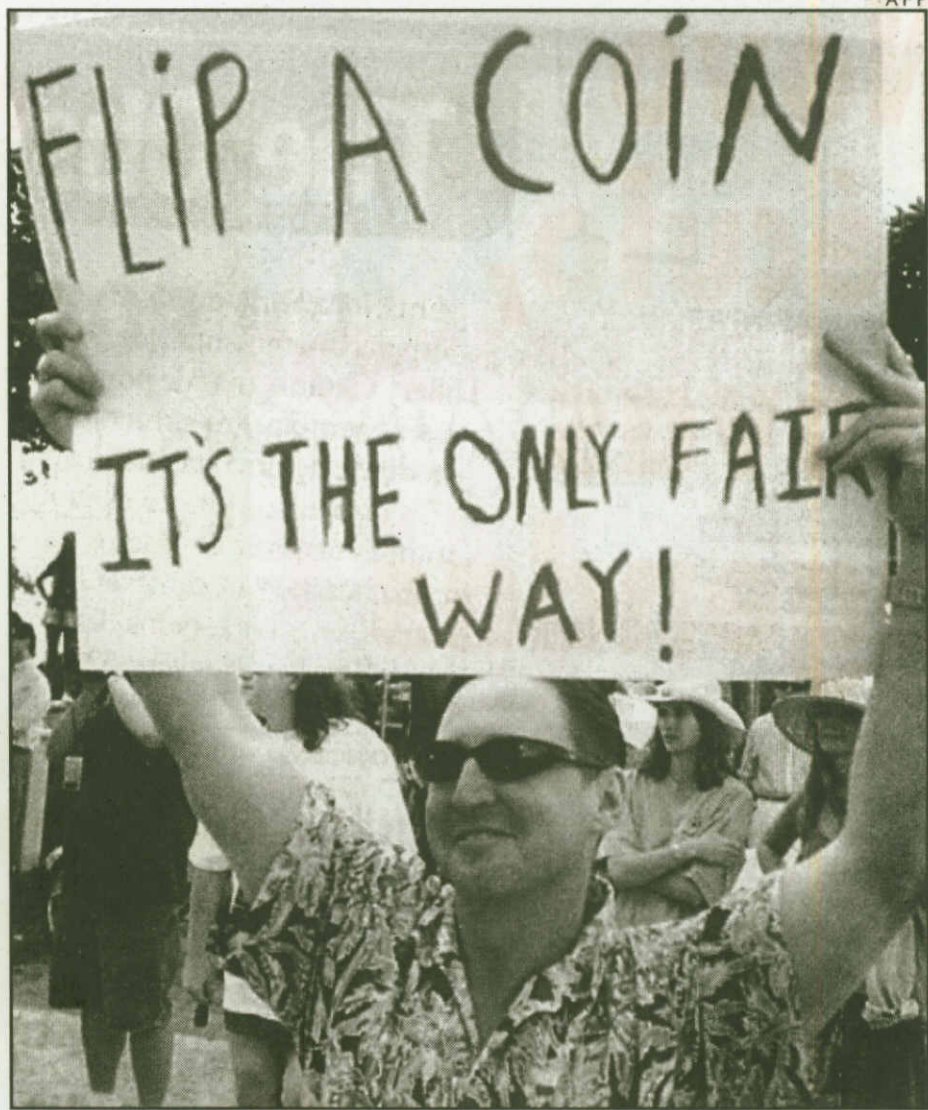
Esta é a grande utilidade do Partido Democrata para os capitalistas norte-americanos: com o apoio das burocracias sindicais e de inúmeras entidades cooptadas de defesa dos direitos civis, enganam ainda dezenas de milhões de trabalhadores e pobres dos Estados Unidos.

Duas crises em uma em 2001?

Independente de até onde possa seguir a batalha judicial pela presidência dos Estados Unidos, o próximo governo deverá assumir sob o signo de uma crise política: o mandato começará questionado, um certo desgaste das instituições, principalmente a presidencial, e com um país bastante dividido (ainda que de forma passiva, sem grandes comoções e até com uma razoável indiferença em relação a escolha do novo presidente). Ou seja, terá que negociar muito se quiser governar. O parlamento também está muito dividido: empate no Senado com 50 senadores para cada lado e uma apertada maioria republicana na Câmara dos Deputados (220 a 211).

De quebra, o novo governo deverá estar sob o signo do fim do crescimento econômico, onde já importantes analistas econômicos questionam se será possível fazer a tal "aterrissagem suave" da economia.

Uma hipótese para 2001 é que os processos que, até agora, correm em paralelo – crise política de um lado e início da crise econômica de outro – unam-se no ano que vem de forma bastante delicada para o imperialismo. Um ano onde talvez o cargo mais poderoso do mundo venha a ser o de presidente do FED (Banco Central dos EUA).

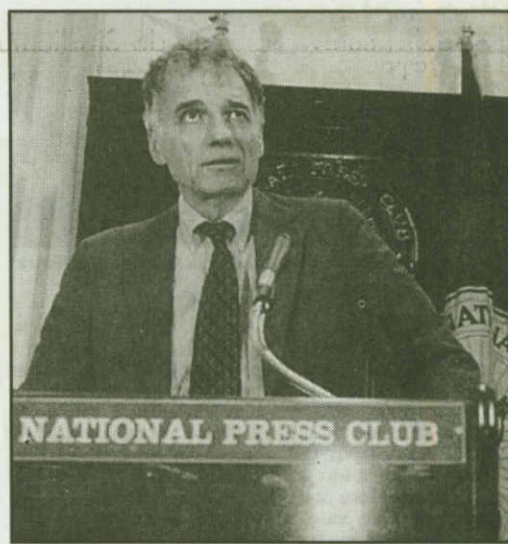


Manifestante pede que presidente seja escolhido na moeda

O voto radical nas eleições

Mas nem tudo foi manipulação, indiferença e empulhação no processo eleitoral norte-americano. Houve um expressivo fato novo que foi um voto de conteúdo anti-globalização, anti-corporações, anti-ataques aos direitos sociais, trabalhistas e contra a degradação ambiental (em geral associada às grandes empresas) que foi capitalizado pelo Partido Verde através da candidatura a presidente do advogado Ralph Nader. Os Verdes conseguiram 3% dos votos nacionais e em 11 estados passaram da barreira dos 5%. É uma votação extraordinária se considerarmos os limites impostos pela legislação eleitoral e pelo monopólio e poder econômico dos dois partidos capitalistas. Por exemplo, por não ter conseguido 5% como média nacional, o Partido Verde não terá direito a receber verbas federais para a próxima campanha. Em nenhuma outra "democracia" do planeta as eleições burguesas... são tão burguesas.

Mas ainda assim o feito não é menor. Tudo indica que os votos nos verdes são expressão da radicalização de um setor descontente ao extremo com os efeitos da globalização capitalista, inclusive nos Estados Unidos. Esse setor já se manifestou de forma bastante radicalizada



Ralph Nader

em reuniões de fóruns e organismo mundiais FMI, etc. É um voto herdeiro das manifestações de Seattle no final do ano passado. Por isso, não houve um desaparecimento do voto na candidatura dos verdes na reta final da campanha, quando a pressão dos aparelhos democratas e sindicatos pelo voto útil em Gore foi brutal.

A contradição é que esse voto não foi capitalizado por nenhum partido de perfil socialista e/ou marxista ou trotsquista, ou seja, de conteúdo anti-capitalista mais definido, mas sim pelo difuso Partido Verde, que se auto define como do "campo progressista". Justiça seja feita a Ralph Nader, sua campanha teve o mérito de tentar mostrar à população norte-americana que Gore também era candidato das grandes corporações. (F.S.)

◆ Composição do Parlamento

Senado	Anterior	Atual
Republicanos	54	50
Democratas	46	50

Câmara dos Deputados	Anterior	Atual
Republicanos	223	220
Democratas	210	211
Outros	2	2

Novo século, novas agendas

Ainda há tempo para você adquirir as agendas 2001 (uma publicação da Distribuidora Opinião). Para os interessados, são quatro diferentes opções de capa, todas com capa dura. E, o que é melhor, pelo mesmo preço do ano passado, apenas dez reais. Se você ainda não comprou seus presentes de fim de ano, vale a pena conferir. E se os presentes já estão comprados, com certeza você vai gostar de alguma das opções e pode ficar com ela.

Um dos aspectos mantidos para esta edição são os poemas e pinturas, datas das revoluções e grandes acontecimentos históricos do Brasil e do mundo.

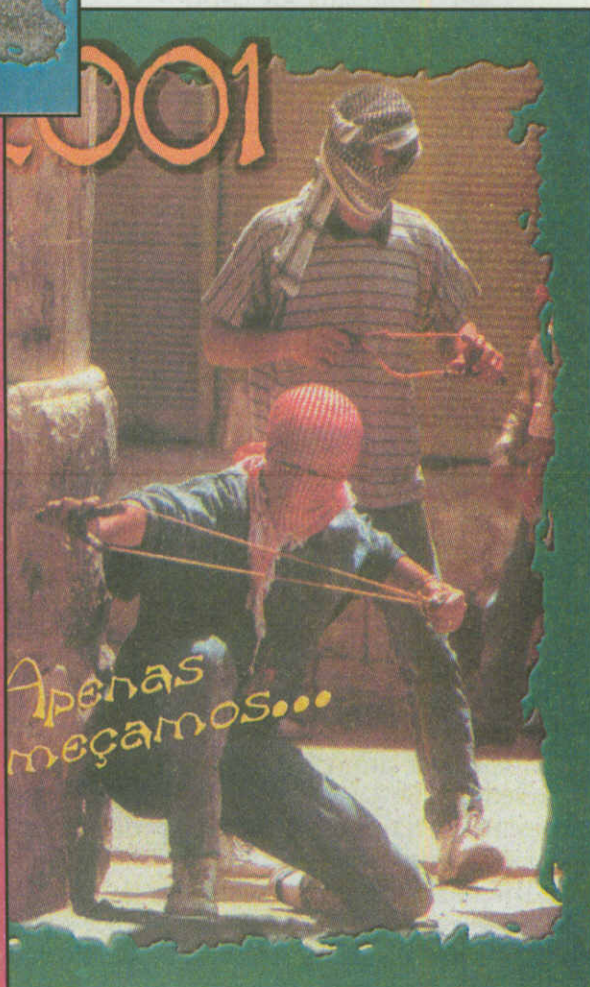
Os interessados devem procurar os militantes do PSTU ou entrar em contato com a sede nacional pelo telefone (11) 5084-2982. Também faremos pacotes promocionais para entidades sindicais e estudantis.

Não deixe para depois

Antes de terminar o século, adquira o segundo número da revista **Marxismo Vivo**.

Você pode adquirir **Marxismo Vivo** nas sedes do PSTU, com os militantes do partido ou ainda por e-mail:

marxismovivo@pstu.org.br



Aqui você encontra o PSTU

Sede Nacional: R. Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo - SP - F. (11) 5084.2982 / 5575.6093 - pstu@pstu.org.br

Alagoinhas (BA): R. Alex Alencar, 16 - Terezópolis - alagoinhas@pstu.org.br

Aracaju (SE): R. Acre, 2309 - Siqueira Campos - aracaju@pstu.org.br

Bauru (SP): R. Treze de Maio, 7/40 - F. (14) 223.2219 - bauru@pstu.org.br

Belém (PA): R. Domingos Marreiros, 732 - Umarizal - F. (91) 225.3177 - belem@pstu.org.br

Belo Horizonte (MG): bh@pstu.org.br - Floresta - R. Floresta, 82 - F. (31) 461.3663 - Barreiro - Av. Afonso Vaz de Melo, 249

Brasília (DF): CONIC - Setor Diversões Sul - Ed. Acropol - S. 402 - 2º andar - F. (61) 225.7373 - brasilia@pstu.org.br

Campinas (SP): R. Dr. Quirino, 651 - campinas@pstu.org.br

Curitiba (PR): curitiba@pstu.org.br

Diadema (SP): R. dos Rubis, 359 - F. (11) 4051.2800 - diadema@pstu.org.br

Florianópolis (SC): Av. Hercílio Luz, 820 - F. (48) 223.8511 - floripa@pstu.org.br

Fortaleza (CE): Av. da Universidade, 2333 - F. (85) 221.3972 - fortaleza@pstu.org.br

Goiania (GO): F. (62) 212.0326

João Pessoa (AL): Rua Duque de Caxias, 186 - joaopessoa@pstu.org.br

Macapá (AP): Av. Antônio Coelho de Carvalho, 2002 - Santa Rita - F. (96) 9963.1157 - macapa@pstu.org.br

Maceió (AL): R. Inácio Calmon, 61 - Poço - F. (82) 971.3749

Manaus (AM): R. Emílio Moreira, 821 - Altos Centro - F. (92) 234.7093 - manaus@pstu.org.br

Natal (RN): Av. Rio Branco, 815 - F. (84) 201.1558

Niterói (RJ): R. Dr. Borman, 14/301 - Centro - F. (21) 717.2984 - niteroi@pstu.org.br

Nova Iguaçu (RJ): R. Cel. Carlos de Matos, 45

Ouro Preto (MG): R. São José, 121/304 - Ed. Andalécio

Paranavai (PR): R. K, 92 - Jd. Campo Belo

Passo Fundo (RS): R. Tiradentes, 25

Porto Alegre (RS): R. General Portinho, 243 - F. (51) 286.3607 - portoalegre@pstu.org.br

Recife (PE): R. Leão Coroado, 20 - 1º andar - Boa Vista - F. (81) 222.2549 - recife@pstu.org.br

Ribeirão Preto (SP): R. Monsenhor Siqueira, 711 - Campos Elíseos - F. (16) 637.7242 - ribeiraopreto@pstu.org.br

Rio Grande (RS): F. (53) 9977.0097

Rio de Janeiro (RJ): Tv. Dr. Araújo, 45 - Pç. da Bandeira - F. (21) 293.9689 - rio@pstu.org.br

Santa Maria (RS): F. (55) 9982.3270 - santamaria@pstu.org.br

Santo André (SP): Rua Adolfo Bastos, 571 - Vila Bastos - F. (11) 9168.2057 / 9168.2205 - santoandre@pstu.org.br

São Bernardo do Campo (SP): R. Mal. Deodoro, 2261 - F. (11) 4335.1551 - saobernardo@pstu.org.br

São José dos Campos (SP): Av. Dr. Mário Galvão, 189 - F. (12) 341.2845 - sjc@pstu.org.br

São Leopoldo (RS): R. São Caetano, 53

São Luís (MA): F. (98) 238.4068 / 9965.5409 - saoluiz@pstu.org.br

São Paulo (SP): saopaulo@pstu.org.br - Centro: R. Nicolau de Souza Queiroz, 189 - Paraíso - F. (11) 5572.5416 - Zona Sul: R. Ten. Cel. Carlos Silva Araújo, 181 - S. 15 - Santo Amaro - Zona Leste: F. (11) 6944.3128

Terezina (PI): R. Firmino Pires, 718

Uberaba (MG): R. Tristão de Castro, 127 - F. (34) 312.5629 - uberaba@pstu.org.br

Nosso e-mail: pstu@pstu.org.br

Nossa página na internet: www.pstu.org.br